

GABRIEL D'ANNU

Evaristo de Moraes Filho
(Especial para DOM CASMURRO)

O sr. Agrippino Grieco está de luto. Está orão. Morreu seu pai espiritual, ou melhor, seu padrinho literário. Os seus dois primeiros livros — "Amphoras" e "Estatuas Mutiladas" — a começar pelo título deste último, foram de inteira inspiração d'annunziana. Dizem as más línguas que o sr. Agrippino tem remorsos tremendos dessas travessuras juvenis. Não será de espantar, se virmos o sr. Agrippino de luto fechado e mandando rezar missa de 7.^o dia para descanso da alma — por sinal, bem pecadora — do autor das "Vitorias Mutiladas". Quanto mais que foi com um desses livros que ele conquistou um elogioso artigo de Arape Junior e um premio da Academia. Hoje, ingratamente, ele a critica e ironiza sem piedade. Talvez, por ela ter sido cúmplice no seu crime literário.

Debramos o afilhado, vamos ao padrinho. Até que enfim, após longos 75 anos de vida faustosa, D'Annunzio resolveu morrer. Prometen muito, encheu cantos de jornais com notícias telegraficas, assustou o sr. Mussolini, mas parece que não conseguiu descobrir o tal acido que o dissolvesse numa simples imersão. Foi uma das suas tiradas sensacionalistas, pois que qualquer um farmacutico de aldeia podia lhe indicar centenas de acidos que o fariam desaparecer num instante. E agora, como sempre acontece, a morte o surpreendeu prosaicamente na cama, para onde se recolhera desde a vespera. Algumas noticias telegraficas ainda tentaram reabilitá-lo, fazendo-o morrer no seu gabinete de trabalho. Sua unica originalidade — e muitos também a tiveram, involuntariamente — foi morrer no Carnaval. Se eu fosse seu advogado procuraria provar o seu suicidio por um subterfugio

qualquer. Segundo Goethe, por exemplo, só se morre quando não se pode mais viver, quando todas as energias que compõem a vida já estão completamente destruídas. Só então, o moribundo consente em morrer. Talvez algum juiz me desse ganho de causa, e o suicidio de D'Annunzio ficasse demonstrado. Esse homem sem cabelos e sem sobrancelhas, no qual muitos vêm um convascente de febre maligna ou um anomalo das glandulas de secreção interna, foi o maior cabotiuo que este planeta já teve a desventura de suportar. A seu lado, Baudelaire, Shaw, Casanova, são meros aprendizes, são grotescas caricaturas de amadores inexperientes. Qualquer agencia americana de publicidade desaparece junto desse Barnum italiano. O proprio Marinetti muito teria que aprender com ele em materia de exhibicionismo morbido e heroismo de segunda mão. Conta André Gide, em "Feuilles de route", que ao perguntar a D'Annunzio se havia lido tudo, ele respondeu: "Tudo!... Creio que é preciso ter lido tudo". Se ele leu tudo foi para se aproveitar de tudo... Houve também quem visse nele um eleito dos deuses, um predestinado, um iluminado. O que dependia, sem duvida, da perspectiva do seu cranio em relação ao foco de luz. Em certas posições e a certas horas, sua fosforescencia era maior...

Pois bem, esse deus olimpico, que teve grandes momentos de fastigio e que gozou da intimidade das duas maiores atrizes do seu tempo, deixou uma enorme coleção de palavras. Muito antes de Montherland, com "Les jeunes filles", ele já havia aproveitado seus amores para as paginas dos livros. Explorava mulheres, espiritualmente. Usava-as, como afrodisiacos artisticos, para

17/3/30

fins de inspiração teatral. Imaginava tragedias ao amanhecer, chorava lagrimas fingidas ao crepusculo e, á noite, antes que todo esse tumulto passasse, sentava-se á mesa a compôr suas homericas desditas. Aliás, segundo sua propria confissão, ele sempre escreveu sob a acção de um "genio" oculto, que lhe ditava as palavras ao ouvido. Mergulhava num estado de embriaguez dionisica (ou alcoolica?) e escrevia, como sob o ditado de um espirito superior". Era onirico. Nada mais, de resto, do que uma segunda edição do demonio de Socrates, que encheu toda a Idade Media de ardentes polemicas. Diz Goethe que também escreveu o "Werther" da mesma maneira. E que, depois de escrito, só o leu uma vez. Mas entre os dois ha uma grande diferenca: é que o "Werther" ficou, por ser humano e eternamente verdadeiro, enquanto houver um coração apaixonado sobre a terra; ao passo que todas as obras de D'Annunzio passarão como a fumaça dos seus fogos fatuos. D'Annunzio teve a infelicidade de viver muito. Viveu de mais: e assistiu ao seu proprio funeral na memoria dos homens. A geração da guerra já não pode mais se interessar por essa rá que quiz ser boi. Já ninguém se

chelo de guisos, que trepou em pernas de pau para fingir-se de gigantes. A guerra quebrou-lhe as pernas e expoz deante dos olhos atani-



tos da multidão a pequenez do cantante. Se alguém o lê ainda, é por mera questão de historia literaria, preocupa com esse anão, enfeitado e

Mas ao terminar, tem a sensação que voltou de um mundo estranho, onde todos são grandiloquentes e carnavalescos, ou que ceixou um hospicio onde todos, em delirio, gritam ao mesmo tempo. A começar pelo diretor, que é o más verboso e barulhento...

Em poesia, mal se pôde dizer delirio. E isso mesmo só porque a poesia é a terra de ninguém, ou melhor, de tudo e de todos. Todos fazem poesia, como querem, como lhes agrada. Cada um tem uma tecnica. E até nenhuma. Em versos rimados, sem rimas, metrificadas, livres-brancos, á vontade do freguez! Disse Goethe, nas "Affinidades electivas", que a verdadeira poesia é emocional, ilogica. A imagem poetica é tanto mais pura quanto mais afastada do bom senso real, quanto mais intuitiva e irracionalista. Na poesia não se pensa, não se conclue, não se raciocina. As dissertações logicas, coerentes, arazoadas, ficam para a prosa. A poesia é alguma coisa de surrealista, talvez dissesse Goethe. Logo se vê que D'Annunzio está no seu elemento, está em casa. Falar em delirio, em furia, em desvario, é falar em D'Annunzio.

Além de muitas outras inspirações

UNZIO

ou imitações de D'Annunzio, uma é constante em toda sua obra: Nietzsche... Todos os seus personagens movem-se numa atmosphera irreal de heróes fictícios, de super-homens, de genios. Falta em todos eles — e é esta a maior falha do seu teatro — qualquer colorido humano, qualquer relação com a verdadeira ação humana. São fantasmas, são símbolos, se quizerem; mas nunca seres reais. A linguagem que eles falam não é a nossa. Se D'Annunzio pretendeu imitar a tragedia grega, nada mais conseguiu do que uma pessima caricatura nevrotica e rebuscada. O seu teatro é uma verdadeira confusão, os seus personagens são seres em delirio, megalomanos, demagogos. Ele e sua obra se caracterizam por um excesso de virtuosismo, por uma sensualidade exasperada, por uma verbosidade vasia. Tudo nele é preciosismo, amoralidade, misticismo. Tudo tão contraditorio e imprevisito, que denuncia logo o quanto tem de falso e artificial. D'Annunzio sempre primou em surpreender pelo fantastico e pelo chocante. Em 5 de maio de 1915, fez um discurso — "Orazione per la sagra dei mille" — que se tornou celebre devido á expectativa que o cercava.

Era seu fim concitar o povo italiano a aderir aos aliados, e para isso ele viajou da França para a Italia. Comemorava-se o aniversario da partida dos "Mille" e inaugurava-se, ao mesmo tempo, no rochedo de Quarto, perto de Genova, um monumento a Garibaldi. Pois bem, D'Annunzio falou sobre todas as coisas, reais e imaginarias, menos sobre o que devia. Fez um discurso cheio de retorica, de preciosismos, de citações. Ninguem ficou emocionado, ninguem o compreendeu. Falou em Dante, em Mercantini, em Miguel Angelo. Fez alusões ás cidades da Grecia primitiva: Maratona, Itaco e Argos. Referiu-se ás aventuras de Terseu e Orfeu. Talvez em homenagem á França não deixou de lembrar a cohorte heroica e mitologica dos quatro filhos Aymon. Foi além e almogou a Genese e o Evangelho de S. João. Não contente ainda com a sua miscelanea, leu pedaços dos seus proprios poemas de 1900.

Mas depois do dia 5 sempre vem o dia 6, e Papini não o perdoou. Escreveu um truculento artigo sobre o seu discurso. É uma bordoadada de deslocar ossos. Não ficou costela sobre costela. É uma dessas criticas que só Papini e Mencken sabem fazer. No fim, nada mais resta. A's vezes até os ossos da vitima desaparecem. Segundo Papini, D'Annunzio não passa de um ourives de grande estilo, mosaista de incomparavel experiencia, linguista de atentas lei-

turas e cosinheiro literario de lascivas savorosas, condenado, em compensação desses dons, a um tormento sem fim e sem cura: jamais sentirá profundamente e humanamente. Nunca sentirá a angustia do que elle queria exprimir em palavras malusculas sobre o cimo de sua grandeza. D'Annunzio é um libertino, um cortezan, um vicioso, jamais terá paixões verdadeiras. Por baixo do fasto das festas, persistem a tristeza e a aridez de um fracassado.

"Onde dez palavras jorradas de um coração sincero em tumulto bastariam para fazer tremer um povo, D'Annunzio gasta cem ou duzentas, mas é o cerebro quem as dita, cerebro muito conciente da virtuosidade de u'a mão perita, acostumada ao artificio. E então o aceito do amor macho se adocica em frases de madrigais, a visão concreta da hora presente desfalece e se dispersa em um nevoeiro sufocante de lembranças historicas e de reminiscencias literarias; o grito do poeta convulso se distende na processão plagiaria das litanias; a prece torna-se oração e essa pagina que podia ser o documento de um seculo, o signal de uma guerra não é mais do que um exercicio de suntuosa escritura e um illustre exemplo de um gosto literario".

A critica de Papini é muito maior e mais ferina. Mas por ora ficamos aqui. Voltaremos á carga no proximo artigo. Trataremos, então, dos plagios de D'Annunzio.